

Novalis
Hinos para a Noite
Hymnen an die Nacht

| Comentário | Hinos para a Noite | Diálogos | Monólogo | Notas | Bibliografia | Da tradução |

Comentário

Friedrich von Hardenberg, mais conhecido por seu pseudônimo literário, Novalis, foi um dos principais representantes do romantismo germânico de fins do século dezoito. Nasceu em 1772 em Oberwiederstedt, um pequenino feudo herdado de seus ancestrais. Quando pequeno nada falava e apenas observava o mundo ao seu redor. Só após uma grave doença, que na infância o conduziu para a cama durante vários meses, von Hardenberg demonstrou seu temperamento - uma grande sensibilidade religiosa e poética, singulares numa criança (1).

Quando jovem, tornou-se próximo do círculo do Sturm und Drang, travando contato com Schiller, Schleiermacher, Jean Paul e os irmãos Schlegel, - seus amigos mais próximos - Goethe, Herder, H. Steffens e o filósofo Schelling, cujos cursos acompanhou com avido interesse na década de 1790.

A obra poética de Novalis tem a particularidade de ser inseparável de sua experiência existencial, bem como de seus estudos religiosos e filosóficos. Os Hinos para a Noite, por exemplo, foram compostos após a morte precoce de sua amada e prometida Sophie von Kühn, em março de 1797. Em desespero, junto ao túmulo de Sophie, Friedrich teve um momento de iluminação espiritual e "renasceu" para uma nova vida e uma nova percepção do mundo, expressa em sua obra poética (veja o Hino III).

Segundo Novalis, a Noite revela-se apenas às sensibilidades potencializadas, capazes de observar e vivenciar uma existência perfeita, existente mais além do universo prosaico do dia, da condição diurna, terrena e sublunar. O poeta torna-se, portanto, um profeta, um iluminado capaz de penetrar na essência íntima das coisas, oculta à generalidade dos seres humanos (Hinos I, II, e especialmente o IV).

Diante do fato particular da morte da amada ele é capaz de reviver a experiência universal e mítica de uma humanidade antes feliz, mas que no alcance da maturidade é obrigada a enfrentar a morte.

Novalis redefine assim o mito judaico-cristão da queda e desaparecimento de uma "idade de ouro", na qual reinava a inocência, transmutada agora em "era de ferro" (Hino V). A nova experiência humana que mata a inocência primordial não reside, entretanto, num retrato convencional da concupiscência adquirida após a desobediência a Deus, que pode ser observada nas visões puritanas de Milton (Lost Paradise). Em Novalis, como em Milton, a queda participa do surgimento da morte. Entretanto esta morte é, antes de tudo, a expressão de uma desmistificação do universo, do homem e da natureza - "fuga do espírito", do "amor" e da "juventude" que antes habitavam na luz, para os abismos profundos da Noite.

Esta luz perniciososa que invade os espaços terrenos associa-se a uma nova visão da natureza, agora aprisionada pelo "cálculo e [pelo] número seco". Impossível não observar aqui uma referência à Aufklärung e ao cientificismo iluminista do século XVIII de um modo geral (2):

"Fôra-se a Fé, criadora de maravilhas, assim como a Imaginação a Luz não era mais a morada dos deuses, nem o presságio celeste de sua presença" (Hino V).

O novo saber - nova luz que ilumina o mundo - que tudo mede, calcula, e a partir da qual os homens julgam ver a realidade das coisas, consiste na verdade numa imperfeição, desfiguramento do mundo; redução do potencial imaginativo do ser humano.

Expulsos da luz, os deuses e os espíritos migram para a noite impenetrável (imagem do universo anterior à queda). Doravante só poderão ser observados pelo olhar interior da imaginação (e do sonho) - vivenciados por "eleitos" como Novalis (3), poeta-visionário que obteve uma revelação libertadora (Hinos III e IV).

Sua libertação reside no abraço da oportunidade de revivescência dos homens concedida pelo Cristo no sacrifício expiatório da cruz. Cristo oferece a possibilidade de reconciliação entre a luz e as trevas, de restituição do Uno; reparo da fragmentação imposta ao mundo pela falsa ciência do Iluminismo, e de retomada do Uno (4). Ele torna a morte, até aqui ameaçadora, numa amiga; pois ela reconduz os homens ao seio de Deus, restaurando a unidade primordial que reinava no paraíso perdido antes da invasão dos falsos saberes, de uma percepção do mundo exclusivamente "sublunar", "terrena" (Hinos V e VI).

* * *

Observemos a temática abordada nos Hinos para a Noite:

A crítica ao saber do Iluminismo (uma recusa à "razão" em favor da "imaginação"); a afirmação de uma felicidade existente mais além, distinta dos prazeres terrenos; a celebração da morte, associada aos fatos da biografia do autor (seu amor por Sophie e suas mortes precoces: o poeta falece em 1801, Sophie em 1797, ano de composição dos Hinos). Estes aspectos, assemelhados ao resumo programático de um curso convencional a respeito do Romantismo, contribuíram para forjar a imagem mitológica de Novalis como herói romântico, desligado do mundo, perdido em devaneios poéticos e que morre após a perda da amada, à qual jurou amor eterno.

Segundo Rubens Rodrigues Torres Filho, esta apreciação de Novalis - decorrente do processo de canonização literária que o poeta sofreu após a morte - teria tido consequências desastrosas no que se refere à apreciação do conteúdo filosófico de sua obra. Para Torres Filho, esta teria sofrido "um longo processo de desfiguramento(5). A canonização de Novalis, associada à forma intencionalmente fragmentária e poética que Novalis definiu, junto aos Schlegel, para expressão de seu pensar, contribuíram para afastá-lo do corpus textual da filosofia ocidental e dos interesses dos estudiosos atuais (6).

Contudo, o mito de Novalis começa a se fragmentar quando observamos algumas particularidades de sua biografia e obra, que nos remetem à apreciação de um autor mais pragmático, menos desligado da realidade cotidiana. Em primeiro lugar, é sabido que ele assumiu cargos técnicos nas minas de carvão e salinas na região de Freiberg e nas minas de bronze de Leipzig. Além disso, teve outros amores após a morte de Sophie, o que fica patente pelo noivado com Julie von Charpentier, filha de seu superior nas minas. Interessou-se também pelo estudo das ciências, como a física, a química, a geologia, a política, a medicina, junto à filosofia e teologia.

Tais interesses e atividades, ao perturbarem sua caracterização como herói romântico (o que jurou amor eterno e definiu; ou que se afastou deliberadamente do "real") remetem-nos ao fato de que não podemos buscar a compreensão de Novalis e dos românticos

de um modo geral apenas em termos de uma oposição entre "o real o imaginário". É import ante lembrar que ele e seus próximos buscam exatamente respostas para este e outro s dilemas impostos pelo saber das Luzes, que procura banir o mito, a imaginação, a mág ica, do universo do conhecimento; procurando alternativas a uma percepção da realida de que julgam radicalmente errada e deficiente. Os interesses científicos e a poes ia religiosa de Novalis, em sua aparente contradição - ao aviltarem uma imagem simpl ista do "herói romântico - situam o problema em outros termos. Como recusa à fratura i mposta pelo saber iluminista entre realidade e imaginação, apontando para a tentativ a de unificação entre os mais variados domínios da existência. Seus estudos científicose f ilosóficos expressam, junto à poesia, a vontade de um saber universal, unificador da religião, da ciência e da poesia; o que pretendia concretizar num projeto enciclopédi co, interrompido pela morte prematura em 1801 (7).

É possível observar que o próprio "desejo de morte" (um tema tão caro aos romantismos) e xpresso por Novalis nos Hinos (especialmente no VI), adquire novos sentidos ao a valirmos outros textos do poeta-filósofo. Em um de seus Diálogos (8) temos a referênc ia à consciência da morte e da "transitoriedade da vida" como algo digno de júbilo. O mundo presente, da temporalidade, é apresentado como espaço das "ilusões" e do "despra zer". Diante dele temos o universo prazeroso e "real" da "eternidade", a ser al cançado na morte. Porém, isto não conduz a uma simples recusa à vida, mas à constatação de qu e é a "irrealidade" terrena - vivida - e não o além, que é realmente fantástica. Isso torna esta vida digna de uma apreciação deliciada:

"abracemo-nos, no gozo da convicção de que junto a nós está a vida como uma bela, genial ilusão, como um soberbo espetáculo a contemplar, de que aqui já podemos estar em espíri to em absoluto prazer e eternidade, e de que exatamente a antiga queixa, de que tudo é perecível, pode, e deve, tornar-se o mais jubiloso de todos os pensamentos". (9).

A vida, apesar de todo impulso dirigido à morte, deve ser amada mesmo em sua natur eza imperfeita ("transitória", perene). O poeta romântico "da morte", pode transmuta r-se assim ao nosso olhar, ao revelar sua ânsia pela vida, compreendida como contr aparte de uma totalidade universal. Não temos neste poema de Novalis (Hino VI) sim plesmente uma "vontade de morte", mas a manifestação de um desejo de vida pelo poeta que compreende que a essência da existência poética "elevada", na terra, reside na co nsciência de que a vida é prenúncio da existência "real". Porém, sabe que "viver em sonhos " consiste em desfrutar efetivamente - conscientemente - da experiência terrena em sua ttotalidade, que conjuga em si um "algo mais" que escapa à percepção cotidiana; s empre sabendo que ela também (e não apenas o "além eterno") é "maravilhosa - realmente f antasmática.

Esse interesse pela totalidade da experiência "vivida" convida-nos à constatação de que Novalis não foi o romântico doentio, desligado do mundo e "sempre-prestes-a-morrer" que as gerações posteriores fizeram-nos crer. Entretanto, é importante perceber que es ta imagem participa do próprio desejo romântico de mitologização e criação de heróis. A image tradicional (canônica) de Novalis começa a ser elaborada por seu próprio círculo de ami gos (10). Ele emerge, já em princípios do século XIX, como herói; fato expresso nas afir mações de seu irmão, Karl von Hardenberg, ao enviar a Ludwig Tieck em 1802 alguns manu scritos do poeta:

"Compreendo bem agora que ele precisava morrer; nós ainda não estamos maduros para a s descomunais revelações que, através dele, teriam vindo a nós". (11)

No que já concordara Tieck em seu necrológico dedicado a Novalis, em 1801:

"A partir da santidade da dor, do amor profundo e devoto anseio pela morte expli cam-se seu ser e todas as suas idéias. No fato de que um único, grandioso momento de

vida e uma única, profunda dor e perda se tornaram a essência de sua poesia e de sua intuição, compara-se ele, único entre os modernos, ao sublime Dante, e canta-nos com o este um insondável canto místico(12).

A "desfiguração" histórica (13) sofrida por Novalis é indissociável do próprio processo de elaboração da memória nestes círculos românticos.

É importante reconhecer, portanto, que apesar dos perigos contidos no processo de mitologização que Novalis sofreu, - processo que alça o poeta à condição de herói romântico, ibuindo à sua figura os aspectos "distorcidos" de tal persona (especialmente o "afastamento do mundo" e a "ânsia pela morte, implicando no estabelecimento de uma tradição equivocada de interpretação de seus textos e de sua persona histórica "real") - a própria mitologização deve ser considerada como objeto de atenção nos estudos acerca de Novalis e do romantismo.

A percepção da história pelos românticos é tipicamente mítica (14), fato que pode ser observado nos Hinos para a Noite, especialmente nos V e VI, nos quais o poeta-filósofo nos apresenta Cristo como herói da narrativa de libertação de uma humanidade decaída. O destino histórico do homem - seu vir a ser, expresso no irresistível retorno à condição anterior à queda - só adquire sentido a partir da visualização do passado, e da restituição deste através da rememoração mítica e poética (observe a presença do bardo, por exemplo, no Hino V: é ele que divulga a "boa-nova", que a traz à memória).

O sacrifício mítico do Cristo retorna então ao presente, na rememoração poética (momento eterno, sagrado), no relembrar de que ele que libertara a todos da escravidão da morte. Ressurge então,

O Passado em rica florescência, no qual
Antigos troncos geraram o fruto glorioso;

E as crianças em busca do mundo futuro,

Buscaram a vitória sobre a dor e a morte

(Hino VI)

O fato de Novalis ter sido objeto de mitologização por parte dos românticos seus contemporâneos, portanto, está em consonância com a importância do mito em sua própria obra. Este será o ponto de origem fundamental dos desdobramentos de sua persona no imaginário romântico. Junto a Dante, Ossian, Shakespeare, Milton, Homero, Petrarca; Novalis estava sendo erigido ao panteão interminável dos heróis míticos do romantismo. Ludwig Tieck, ao exaltar o amigo torna a si próprio e aos românticos do Sturm und Drang que partilharam de sua presença e se irmanaram a Novalis heróis em potencial, situando, modestamente, alguns pontos de referência fundamentais para o estabelecimento das memórias futuras acerca do romantismo.

Hinos para a Noite
1797

I.

Diante do espetáculo maravilhoso do espaço aberto à sua volta, que existência viva, sensível, não ama a deliciosa luz, com suas cores, raios e ondulações, sua onipresença gentil na forma do alvorecer? O mundo gigantesco das constelações despertas inala o dia com o a mais profunda alma da vida, e flutua dançando em sua torrente azulada; a pedra tranqüilamente faiscante, a pesarosa planta, o mundo selvagem, ardente e multiforme

me dos animais o inala; porém, mais que elas, o nobre estrangeiro com olhos brilhantes, andar altivo, lábios melódiosos e cerrados. Como um rei que comanda a natureza mundana, ele invoca os poderes para transformações incontáveis, ata e desata inúmeras alianças, sustenta sob forma celestial cada substância terrena. Sua presença por si só revela o esplendor maravilhoso dos reinos do mundo.

E eu me volto para a Noite misteriosa, sagrada e indescritível. Ao longe repousa o mundo, em sepulcro profundo; um lugar solitário e arruinado. Nas cordas do peito golpeia uma tristeza profunda. Estou pronto para mergulhar nas gotas do orvalho, e misturar-me às cinzas. - A distância da memória, os desejos da juventude, os sonhos da infância, as breves alegrias e aspirações vãs de uma vida longa, surgem com uma veste acinzentada, como o vapor da tarde antes do pôr do sol. Em outras plagas a luz assentou suas tendas felizes: e se eu nunca mais retornar para suas crianças, que me esperam com a fé da inocência?

O que renova todos os pressentimentos de meu coração, e acalma o ar suave da tristeza? Negra Noite, não terás uma afinidade conosco? O que seguras sob teu manto, cujos poderes ocultos afetam minha alma? O bálsamo precioso goteja do ramo de papoulas, em tuas mãos. Tu retiras os cravos de aço da alma. De modo obscuro e indescritível, somos tocados: estarecido de prazer contemplo a face grave que, suavemente e em silêncio, inclina-se sobre mim, e, em meio a olhares confusos, revela o amor jovial da Mãe. Como a luz parece agora algo pobre e infantil! como é agradável e bem-vinda a partida do dia! Não é apenas porque a noite arrebatada de ti seus servos, e lança aos abismos do espaço teus globos faiscantes, que proclamas, nos momentos de ausência, sua onipotência, e desejas seu retorno?

Temos olhos que a noite abriu em nosso interior, mais divinos que aquelas estrelas brilhantes. Sua visão alcança além dos incontáveis hóspedes mais pálidos da noite. Sem auxílio da luz eles penetram as profundezas que abrangem as regiões elevadas com inefável delícia. Glória à rainha do mundo, à grande profetisa dos mundos mais sagrados, à mãe cuidadosa do delicioso amor! ela mandou-te a mim, tu a mais suavemente amada, sol gracioso da Noite. Agora desperto, pois sou teu e meu. Fizeste-me conhecer a Noite, entregaste-a a mim para que se tornasse minha vida; tu fizestes de mim um homem. Consumas meu corpo com o ardor de minha alma, de modo que eu, tornado ar purificado, possa misturar-me completamente contigo, e assim, nossa noite de núpcias durará eternamente.

II.

Por que a manhã deve sempre retornar? O despotismo do dia nunca terá fim? A atividade e profana consome a visita angélica da noite. Nunca chegará o dia em que o sacrifício oculto do Amor arderá eternamente? Veio o tempo da Luz; porém, o domínio da Noite é eterno e ilimitado. A duração do sono é eterna. Sono Sagrado, servo dedicado da Noite, não sou e preencha de júbilo no trabalho mundano do dia. Os tolos julgam-te mal, nada conhecendo do sono exceto a sombra que lança piedosamente sobre nós no crepúsculo da noite e real. Eles não te sentem no fluxo dourado das videiras, no óleo mágico da árvore das amêndoas, e no suco marrom do pomo da papoula. Eles não sabem que és tu quem assombra o seio da bela dama, e transforma em Céu a sua nobreza; jamais suspeitam que és tu, guardião do Céu, quem envia a eles as antigas histórias, mensageira silenciosa dos segredos dos infinitos, portadora da chave para a morada dos abençoados.

III.

Certa vez, quando derramava lágrimas amargas, que minha esperança, dissolvida na dor, se esvaía, e eu permanecia só sobre uma colina estéril que em seu contorno escuro, abaixo, ocultava a desvanecida forma de minha Vida; só como ninguém jamais havia sido, tocado por uma angústia indescritível, privado de forças, e nada mais restava exceto a consciência da miséria; - enquanto olhava ao meu redor em busca de socorro; não podia avançar nem retroceder, e enfraquecido com a perda, extingui minha vida com uma saudade sem fim; então surgiu das distâncias azuis, das profundezas de meu júbilo passado

o, uma chuva brilhante, crepuscular; e num só momento romperam-se as amarras do nascimento, os grilhões da Luz. Ao longe fugiu a glória da Terra, e com ela meus lamentos. A tristeza fluiu num mundo novo e inescrutável. Tu, ó inspiração da Noite, Sono celestial, viestes sobre mim. O local elevou-se suavemente, e acima pairou meu espírito recém-nascido, ilimitado. A colina tornou-se uma nuvem de poeira e envolveu-me, e na nuvem vislumbrei a glorificada face de minha Amada. Em seus olhos jazia a eternidade. Apertei suas mãos e minhas lágrimas tornaram-se um laço ardente e indestrutível. Milhares de anos fluíram ao longe nas distâncias do relâmpago e da tempestade. Em seu dorso eu saudei a nova vida com lágrimas e êxtase. Jamais tive tal sonho novamente; desde então e para sempre eu mantenho uma fé eterna e inabalável no Céu da Noite; e em seu sol, a Amada.

IV.

Agora sei quando chegará o derradeiro amanhecer: quando a luz não afugentar mais a Noite e o Amor, quando o sono persistir sem o despertar, existindo apenas um sonho contínuo. Sinto em mim uma exaustão celestial. Minha peregrinação para o túmulo sagrado foi longa e cansativa, e a cruz esvaía-se. Aquele que experimentou a onda de cristal que, imperceptivelmente ao sentido comum, brota do seio obscuro da colina batida pelo fluxo do mundo, aquele que esteve na montanha fronteira do mundo, e vislumbrou o interior das novas terras nos domínios da noite, certamente não retornará ao tumulto do mundo, às terras nas quais reina a Luz em inquietude perpétua.

Naquelas alturas ele constrói para si tabernáculos - tabernáculos de paz; lá recorda, ama e contempla, até que a mais querida das horas lança-o nas águas da fonte. Tudo o que é mundano flutua sobre ele, revolvendo-se em tempestades; mas o que se tornou sagrado pelo toque do Amor flui livremente através dos caminhos ocultos, das regiões mais além, onde, junto aos aromas, mistura-se ao amor adormecido. Doce Luz, tu ainda acordas o homem cansado para o trabalho, e em mim deitas a alegria da vida; mas tu não me afastarás do monumento coberto de musgo da memória. Oferecer-te-ei a mão laboriosa sempre que necessitares de mim; louve a rica pompa de teu esplendor; persiga incansável as harmonias amáveis de teu habilidoso artesão; contemple feliz a pesada paz de teu poderoso, radiante relógio; explore o equilíbrio das forças dos maravilhosos e incontáveis mundos e suas estações; mas meu coração secreto permanece da Noite, e do seu filho, Amor o criador. Poderias tu me revelar um coração eternamente verdadeiro? Possui teu sol olhos amigos que me conhecem? Seguram tuas estrelas minha mão quando ela se oferece? Retribuem elas a pressão suave da minha palavra carinhosa? Tu não as adornaste com cores e com trêmulo contorno? Ou terá sido ela quem concedeu às tuas jóias um significado mais elevado, e querido? Que delícias, que prazeres, a tua vida me oferece, para aliviar o fardo dos transportes da Morte? Não será tudo aquilo que nos inspira investido da vivacidade da Noite? Tua mãe, é ela que te gera, e a ela debes toda tua glória. Tu poderias desvanecer em si, poderias dissipar-se no espaço infinito, se ela não te amparasse, não te enfaixasse para que permanecesses quente e flamejante, concebendo o universo. É certo que eu já existia antes de ti; a mãe enviou-me com minhas irmãs para habitar o mundo, para santificá-lo com amor de modo que ele se tornasse um memorial eternamente presente, para semeá-lo com flores que já mais fenecerão. Mas assim como elas não germinaram, e nem estes pensamentos divinos; não há sinal algum do apocalipse que está próximo. Mas um dia teu relógio apontará para o fim do Tempo, e então deverás ser apenas um conosco, e deverás, pleno de ardente saudade, extinguir-se e morrer. Eu sinto em mim o término de tua atividade, experimento a liberdade celestial, e a restauração feliz. Com dores selvagens reconheço como estás distante de nosso lar, teu feudo junto ao antiquíssimo domínio, o Céu. Tua ira e teus delírios são em vão. Inconsumível para a cruz, bandeira de vitória em nossa senda.

Peregrinei
Onde toda dor

Certo dia,

Só terá sabor de prazer.

Mais alguns momentos

E estarei livre,

Intoxicado

Na mentira envolvente do amor.

A vida eterna

Surge qual onda diante de mim:

Observo do cume,

Observo a ti.

Ó Sol, debes desvanecer

Sob a colina;

Uma sombra irá trazer-te

Irada frieza.

Ó, atire em meu coração amor,

Atire até que eu me vá;

Até que adormecido,

Ainda ame!

Eu sinto o fluxo da

Correnteza da jovem e generosa morte;

Que transforma meu sangue

Em bálsamo e éter!

Com fé e vontade

Eu vivo os dias:

Com um êxtase sagrado,

Morro a cada anoitecer.

V.

Em tempos antigos um Destino de ferro surgiu a reinar, com força implacável, sobre as dispersas famílias humanas. Uma opressão sombria envolveu suas almas ansiosas: a Terra não tinha fronteiras, ainda era um lar para os homens e morada de deuses. Sua estrutura misteriosa jazia desde eras eternas. Além das colinas rubras do amanhecer, no seio sagrado do mar, reinava o sol, aquele que tudo inflama, luminária viva. Era como um velho gigante abraçando este mundo feliz. Aprisionados nas profundezas jaziam os primogênitos da mãe Terra, sem esperanças em sua fúria destruidora contra a nova raça de deuses e seus parentes benévolos, os homens. O abismo esverdeado e obs

curo do oceano abrigava uma deusa. Nas grutas de cristal as pessoas brincavam. Os rios, as árvores, as flores e animais tinham a espiritualidade esperta do ser humano. O vinho era doce, servido por jovens personificadas; havia um deus nos vinhedos; uma deusa maternal, amável, cresceu entre as folhagens douradas; a sagrada embriaguez do amor era doce prece para a mais bela das deusas. A vida vagava através dos séculos numa contínua primavera, uma festa sem fim dos filhos do Céu, habitantes da terra. Todas as raças, como crianças, adoravam a chama etérea, multiforme, como a mais sublime entre as coisas do mundo.

Nada mais que uma ilusão, um sonho horrível -

Algo temível avançou sobre o banquete feliz,
E deixou os espíritos numa consternação selvagem.

Os próprios deuses não conheciam respostas ou conselhos,

Para infundir consolo nos corações sufocados.

A senda do monstro era misteriosa e sem rumo,

Cuja fúria não se aplacava com preces e sacrifícios;

Era a morte que invadiu o banquete com medos,

Com angústia, dores cruéis e lágrimas amargas.

Agora separados eternamente de tudo

Que inclina o coração à felicidade fluente do prazer,

Separados dos que amam, os corações partidos,

Em vão saudosos e em desespero sem fim -

Lutam em sonho tristonho,

Parecia que tudo era posse da morte profunda!

Que rompeu a vaga próspera da glória do homem

No rochedo inevitável da Morte.

Em vôo ousado, vão ao alto as asas do Pensamento;

Os homens cobrem a coisa horrível com o manto da beleza:

Uma bela jovem apaga a vela, para dormir;

O fim aproxima-se suavemente, como o lamento do alaúde do amante.

Uma sombra fria rasteja sobre a memória:

Assim dizia a canção, pois Miséria a movia.

Ainda indecifrável jaz a Noite interminável -

O símbolo solene de um Desejo distante.

O velho mundo entrou em declínio. O jardim de delícias da raça jovem definiu; mais acima, em regiões amplas e desoladas, agora combatiam os homens maduros tendo abandonando a infância. Os deuses desvaneceram-se junto a seu séquito. A natureza jazia sozinha e sem vida. O Número seco e a Medida rígida aprisionaram-na com correntes de ferro. Envoltas no ar e na poeira as inestimáveis florações da vida fugiram para mundos obscuros. Fora-se a Fé, criadora de maravilhas, e aquele anjo que tudo une e transforma, seu companheiro, Imaginação. Os ventos do norte sopraram sobre aquela plaga tórrida, e a terra maravilhosa primeiro gelou-se, e então evaporou-se no éter. As profundezas distantes do Céu tornaram-se plenas em mundos relampejantes. A alma do mundo, junto a todos seus poderes, ocultou-se no santuário profundo, nas regiões mais puras da mente, até que um dia desperte o alvorecer da glória universal. A Luz não era mais a morada dos deuses, nem o presságio celeste de sua presença: fora lançado sobre eles o manto da Noite. A Noite tornou-se o grande berço das revelações; nela retornaram os deuses, e adormeceram, persistindo em formas novas e gloriosas no interior do mundo transfigurado. Entre o povo, antes perfeito e bondoso, que havia se tornado zombeteiro e insolentemente hostil diante da abençoada inocência da juventude, apareceu o Novo Mundo, sob o disfarce nunca visto antes, de uma canção abençoada de pobreza, filho de uma dama, uma mãe, fruto eterno de enlace misterioso. A sabedoria oriental, profética, florescente, de pronto reconheceu o surgimento de uma nova era; uma estrela mostrou-lhes o caminho para o pobre berço do rei. Em nome de um futuro distante, homenagearam-lhe com respeito e perfumes, as mais elevadas maravilhas da natureza. Na solidão, o coração celeste revelou-se para o cálice em flor do amor grandioso, voltou-se para a face suprema do pai, e repousou sobre o seio da mãe solene e doce. Com fervor divino o olhar profético do filho contemplou os anos futuros, previu, imperturbável sob o fardo terreno de seus dias, a prole amada a surgir de sua árvore divina. As almas infantis reúnem-se ao seu redor, e anseiam pelo amor verdadeiro, maravilhosamente obtido. Como flores, elas desabrocham uma nova vida em sua presença. Mundos que jamais se esgotam e boas novas saem como faíscas de um espírito divino por seus lábios benévolos. De uma costa distante veio um bardo, nascido sob o céu claro de Hellas, para a Palestina, e cedeu seu coração inteiro para a criação maravilhosa: -

Tu és o jovem cujas eras mantiveram por tanto tempo
Pairando sobre nossos túmulos, perdido entre as névoas da imaginação;

Sinal na escuridão da boa-nova de Deus,

Quando madura a humanidade a colherá;

E é o que desejamos, e cultivamos com amor

E toda a desgraça perde o viço, o sentido;

A morte encontrou sua razão de ser na vida eterna,

Pois tu és Morte, e fizeste-nos totalmente unos.

Cheio de alegria, o bardo foi para o Industão, o coração intoxicado com a doçura do amor, que expressou em canções compostas sob aquele céu suave, de modo que milhares de corações ajoelharam-se diante dele, e a boa nova frutificou em uma infinidade de ramos.

Logo depois da partida do cantor, aquela vida preciosa foi entregue em sacrifício pela profunda queda do homem. Ele morreu jovem, arrebatado do mundo que tanto amava, de sua mãe chorosa, e seus amigos temerosos. Seus doces lábios sorveram a taça a marga de erros inexprimíveis. Em angústia horrível aproximou-se o nascimento de um novo

o mundo. Ele combateu bravamente os terrores da antiga Morte; grande foi o peso da antiga palavra sobre ele. Porém, ele olhou suavemente para a mãe; surgiu a mão libertadora do Amor eterno, e ele adormeceu. Por alguns dias pairou um véu profundo sobre o mar revolto, sobre a terra que tremia; lágrimas sem fim brotaram de seus amados; o mistério desvendou-se: espíritos celestes arrastaram a grande rocha da tumba obscura. Anjos observaram-no, adormecido, desincorporado docemente em sonhos; ele despertou em nova glória, Divinificado galgou ao cume do novo mundo recém-nascido, enterrou com as próprias mãos o antigo cadáver na cavidade abandonada, e com mão suprema deitou sobre ela uma rocha que poder algum seria capaz de remover novamente.

Seus olhos amados lacrimejam sobre a tumba lágrimas graves de júbilo, lágrimas emocionadas, lágrimas de graça eterna, sempre renovadas; com felicidade observam-no a erguer-se novamente, e contemplaram seu lamento fervoroso e suave sobre o seio abençoado da mãe, a andar em comunhão pensativa com seus amigos, murmurando palavras como que arrebatadas da árvore da vida; vêem a ti, partindo saudoso para os braços do pai, levando consigo a jovem Humanidade, e a inexaurível taça de um futuro dourado. Logo a mãe juntou-se a ti em triunfo celeste, e era a primeira pessoa contigo na nova morada. Desde então, eras fluíram, e num esplendor sempre maior tens se dedicado à nova criação, e milhares seguiram a ti, em meio a dores e torturas, plenos de fé e desejosos pela verdade, andam contigo e a virgem celestial no reino do Amor, e serão para sempre teus, ministro do templo da Morte celestial.

A pedra é elevada,
E toda a humanidade ergue-se;

Todos nós residimos em ti,

Desaparecemos em nossa prisão.

Todos os tormentos se foram

Diante da taça dourada;

Pois nem a vida nem o mundo podem estar

Na mesa em que ceamos com o Senhor.

Ao casamento a Morte convida;

E nenhuma virgem tarda;

As lamparinas queimam vistosas;

Sem necessitarem de óleo algum.

Teus pés ao longe despertam

Ecos em nossas sendas!

E as estrelas criam símbolos

E doces vozes!

Dez mil corações aspiram

A ti, ó nobre mãe;
Nesta vida, carregados de tristezas,
Desejam apenas a ti;
Em ti esperam a cura;
Em ti esperam repouso seguro,
Quando, selando sua segurança,
Os abraçará contra teu peito.

Os que repousam no inferno
Queimam desapontados,
Pois por fim, ao te verem
Fogem deste mundo:
E tu apareces em auxílio,
A nós, em meio às dores:
Agora estamos mais próximos de tua morada,
E nunca mais iremos embora!

Agora não existem mais lágrimas
Que amor e preces junto aos túmulos;
O dom que o Amor concede
Não será mais roubado de ninguém.
Para apaziguar e aquietar a saudade
Vem a noite, e acalma os sábios;
A multidão de filhos do Céu nos envolve
Zela por nós e guarda nosso coração.

Coragem! pois esta vida ruma
Para uma vida sem fim adiante;
O sentido, amoroso, aguardando,
Torna-se claro e forte.

Um dia as estrelas, caindo,
Devem fluir como vinho dourado:
E nós, sorvendo tal néctar,
Brilharemos como estrelas vivas!

Livre, o amor emerge da tumba,
Para não morrer nunca mais;
Em plenitude, a vida eleva-se e ondeia
Qual mar sem limites!
Toda noite há uma deliciosa tarefa!
Uma ode de júbilo!
E o sol de todos nossos prazeres
É a face de Deus!

VI.
DESEJANDO A MORTE

No seio da terra!
Fora dos domínios da Luz!
As dores da Morte nada mais são
Que a partida, romper-se de grilhões!
Rapidamente, num barco esguio,
Rapidamente navegamos para a costa do Céu!

Bendita seja a Noite eterna,
E bendito o Sono sem fim!
Somos abrasados pelo dia luminoso,
E ressecados pelo tédio!
Estamos cansados da vida que dura:
Venha, agora iremos para casa, para Deus!

Para que permanecer neste mundo sublunar?

Para que nutrir o amor e a verdade aqui?
Se o que é antigo está muito além -
Para nós o novo deve perecer!
Aquele que ama o passado com piedade ardente
Está sozinho, amargurado, em exílio.

Porém, como o espírito humano, o passado
Elevou-se em chamas sublimes;
Onde os homens herdaram do Pai,
O dom de reconhecer sua face;
E, em simplicidade perfeita
Muitos tornaram-se seu arquétipo.

O Passado em rica florescência, no qual
Antigos troncos geraram o fruto glorioso;
E as crianças em busca do mundo futuro,
Buscaram a vitória sobre a dor e a morte;
E, apesar da vida e do prazer fenecerem,
Muitos corações partiram-se de amor.

O Passado no qual o próprio Deus possuiu
O vigor da juventude;
E enfrentou a morte prematura, por amor à verdade
Que os jovens contemplaram, e ousaram -
Enfrentar com paciência a angústia e a tortura
Para provar que o amavam.

Agora vemos com inquietação ansiosa
Aquele passado envolto em trevas;
Com a água deste mundo

Nunca poderemos matar nossa sede:
Precisamos retornar à nossa antiga morada
E conhecer aquele tempo abençoado de novo.

E o que impediria nosso retorno?
Já que repousam aqueles que amamos!
Sua sepultura é o limite de nossas vidas;
Nós recusamos com repugnância esta época odiosa!
Não somos enganados por nenhuma esperança:
O coração está pleno; o mundo vácuo!

Infinito e misterioso,
Vibra em mim um doce tremor,
Como se na distância ecoasse
Um sinal, semelhante ao nosso lamento:
Os amados esperam, assim como eu,
Enviam seu suspiro de saudade.

Abaixo, para a noite amorosa, e mais além
Para o amado Jesus!
Coragem! as sombras do entardecer tornam-se em cinzas,
Assim como nossos planos, e nos acalmam!
Um sonho romperá nossos grilhões,
E nos abrigará no coração do Pai.

Tradução de Orlando Marcondes Ferreira Neto (1997).

Diálogos

[A.] Mas você tinha razão. Nossa conversa conduziu-me a um resultado interessante.

[B.] Agora está na minha vez de ser instruído - uma alternância, que unicamente o genuín

o convívio assegura.

[A.] Você me abriu um caminho através da dúvida sobre o valor do prazer. Compreendo agora que nossa existência originária, se posso exprimir-me assim, é prazer. O tempo nasce com o desprazer. Por isso, todo desprazer é tão longo e todo prazer tão breve. Prazer absoluto é eterno - fora de todo tempo. Prazer relativo, mais ou menos um único momento indiviso.

[B.] Você me entusiasma - apenas alguns passos e estaremos na altura do mundo interno.

[A.] Sei quais passos você quer dizer. Desprazer é, como o tempo, finito. Todo finito nasce do desprazer. Assim nossa vida.

[B.] Tomo seu lugar - e prossigo. O finito é finito - O que permanece? Prazer absoluto - Eternidade - Vida incondicionada. E o que temos nós a fazer no tempo, cuja finalidade é auto-consciência da infinitude - ?

Pressuposto, que ele tenha uma finalidade, pois bem se poderia perguntar se não é exatamente a ausência de finalidade que caracteriza a ilusão!

[A.] Isso também - no entanto que devemos nós procurar operar? Metamorfose do desprazer em prazer e com ela do tempo em eternidade, pela arbitraria separação do espírito, da consciência da ilusão como tal.

[B.] Sim, caro, e aqui nas colunas de Hércules abracemo-nos, no gozo da convicção de que junto a nós está a vida como uma bela, genial ilusão, como um soberbo espetáculo a contemplar, de que aqui já podemos estar em espírito em absoluto prazer e eternidade, e de que exatamente a antiga queixa, de que tudo é perecível, pode, e deve, tornar-se o mais jubiloso de todos os pensamentos.

[A.] Essa visão da vida como ilusão temporal, como drama, possa ela se tornar para nós outra natureza. Quão depressa então passaremos voando sobre horas turvas, e quão excitante nos aparece assim a transitoriedade.

Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho. Novalis. Pólen; Fragmentos; Diálogos; Monólogo. São Paulo, Iluminuras, 1988, pp. 185-186.

Monólogo

O que se passa com o falar e o escrever é propriamente uma coisa maluca; o verdadeiro diálogo é um mero jogo de palavras. Só é de admirar o ridículo erro: que as pessoas julguem falar em intenção das coisas. Exatamente o específico da linguagem, que ela se aflige apenas consigo mesma, ninguém sabe. Por isso ela é um mistério tão prodigioso e fecundo - de que quando alguém fala apenas por falar pronuncia exatamente as verdades mais esplêndidas, mais originais. Mas se quiser falar de algo determinado, a linguagem caprichosa o faz dizer o que há de mais ridículo e arrevesado. Daí nasce também o ódio que tem tanta gente séria contra a linguagem. Notam sua petulância, mas não notam que o desprezível tagarelar é o lado infinitamente sério da linguagem. Se apenas se pudesse tornar compreensível às pessoas que com a linguagem se dá o mesmo que com as fórmulas matemáticas - Elas constituem um mundo por si - Jogam apenas consigo mesmas, nada exprimem a não ser sua prodigiosa natureza, e justamente por isso são tão expressivas - justamente por isso espelha-se nelas o estranho jogo de proporções das coisas. Somente por sua liberdade são membros da natureza e somente em seus livres movimentos a alma cósmica se exterioriza e faz delas um delicado metro e compêndio das coisas. Assim também com a linguagem - quem tem fino tato para seu dedilhado, sua cadência, seu espírito musical, quem percebe em si mesmo o delicado atuar de sua natureza interna, e move de acordo com ela sua língua ou sua mão, esse será o profeta; em contrapartida, quem sabe bem disso, mas não tem ouvido ou sentido bastante para ela

, escreverá verdades como estas, mas será feito de palhaço pela própria linguagem e escarnecido pelos homens, como Cassandra pelos troianos. Se com isso acredito ter indicado com a máxima clareza a essência a função da poesia, sei no entanto que nenhum ser humano é capaz de entendê-lo e disse algo totalmente palerma, porque quis dizê-lo, e assim nenhuma poesia resulta. Mas, e se eu fosse obrigado a falar? e se esse impulso a falar fosse o sinal da instigação da linguagem em mim? e minha vontade só quisesse tudo a que eu fosse obrigado, então isso, no fim, sem meu querer e crer, poderia sim ser poesia e tornar inteligível um mistério da linguagem? e então seria eu um escritor por vocação, pois um escritor é bem, somente, um arrebatado da linguagem?

Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho. Novalis. Pólen; Fragmentos; Diálogos; Monólogo. São Paulo, Iluminuras, 1988, pp. 195-196

Notas

(1) Todos os dados biográficos são oriundos de Sergei O. Prokofieff. "Foreword". In: Novalis. Himns to the Night/Spiritual Songs; e Rubens Rodrigues Torres Filho. "Novalis: o romantismo estudioso". In: Novalis. Pólen. Fragmentos, Diálogos, Monólogo. (voltar)

(2) Revela-se especialmente no Hino V uma crítica do poeta às tentativas "racionais e empíricas" do Iluminismo setecentista (racionalismo empírico fundado especialmente em Locke e Newton) de desmistificação do mundo, e que embicionavam uma compreensão geométrico-matemática da natureza. Talvez seja dirigida mais especificamente aos seus divulgadores franceses, como Voltaire; e germânicos, como Lessing e Wieland, entre outros. (voltar)

(3) O termo "eleito" é meu; mas é impossível não associar o momento de "iluminação" (ou de obscurecimento) interior vivenciado por Novalis com a experiência de iniciação religiosa típica dos protestantismos. Novalis define este ser revivificado como o que "vê a verdade, comunga com Deus e tem contato com a espiritualidade do mundo: "aquele que (...) vislumbrou o interior das novas terras nos domínios da noite (...) contrói tabernáculos"; ou seja, locais sagrados de contato entre Deus e os homens (Hino IV). Num estudo a respeito dos Hinos para a Noite seria frutuosa a avaliação das relações entre a obra de Novalis e os protestantismos germânicos, especialmente em suas vertentes que valorizam os momentos iniciáticos de libertação e conversão, nos quais o eleito descobre a Deus e comunga da presença divina, renascendo para uma nova vida. (voltar)

(4) "Retomada do Uno": seria o desejo de uma reunião, da síntese absoluta entre os opostos em busca de uma percepção da totalidade do mundo. Unem-se a Noite e o Dia. É notável que este futuro conjugue também uma unificação do mito e da história, do amor e do conhecimento, da essência e das particularidades do ser. Como Novalis afirma, no prefácio de Heinrich von Hofterdingen, há o prenúncio de um novo mundo...

"Quando a chave de toda criatura

seja mais do que número e figura,

e quando esses que beijam com os lábios,

e os cantores, sejam mais do que os sábios,

e quando o mundo inteiro, intenso, vibre

devolvido ao viver da vida livre,

e quando luz e sombra, sempre unidas,

celebrem núpcias íntimas, luzidas,
quando em lendas e líricas canções
escreverem a história das nações,
então, a palavra misteriosa
destruirá toda essência mentirosa."

(Apud. Mário Cesarini. "Nota do tradutor". In: Novalis. Fragmentos, p. 9., itálicos meus). (voltar)

(5) Rubens Rodrigues Torres Filho. Op. cit., pp. 16, 13-19. (voltar)

(6) Torres Filho ressalta que, por um outro lado, a obra de Novalis possui toda uma coerência que tem sido redescoberta, especialmente a partir da reedição de sua obra, incluindo uma reconstituição cuidadosa de mais de duzentas páginas a respeito da *Do utrina-da-ciência* (1794) de Johann Gottlieb Fichte (Novalis Schriften, ed. crítica de Paul Kluckhohn e Richard Samuel, Kohlhammer. Stuttgart/Darmstadt, 1976, 1981, 1983, 1975, 4 vols.) Rubens Rodrigues Torres Filho. Op. cit., pp. 13-19. (voltar)

(7) Sergei O. Prokofieff. Op. cit., p. 2. (voltar)

(8) "Diálogo [4.]" In: Novalis. Pólem. Fragmentos, Diálogos, Monólogo, pp. 183-184. (voltar)

(9) Ibid., p. 184. Itálicos meus. (voltar)

(10) Rubens Rodrigues Torres Filho. Op. cit., p. 14-16. (voltar)

(11) Ibid., p. 13. (voltar)

(12) Ibid., p. 15. Itálicos meus. (voltar)

(13) Ibid., p. 16. Itálicos meus. (voltar)

(14) A este respeito tenho referência em Ernst Cassirer. "A filosofia do Iluminismo e seus críticos românticos". In: O mito do Estado; e "A conquista do mundo histórico". In: A filosofia do Iluminismo. Cassirer oferece ótimos insights para a abordagem das relações entre a percepção histórica das Luzes e a "descoberta da importância histórica do mito nas culturas do romantismo. (voltar)

Bibliografia

NOVALIS. Hymns to the Night; Spiritual Songs. (Introdução e seleção dos textos por Sergei O. Prokofieff; tradução por George MacDonald). Londres, Temple Lodge, 1992.

_____. Pólen; Fragmentos; Diálogos; Monólogo. (Introdução, seleção dos textos e tradução por Rubens Rodrigues Torres Filho). São Paulo, Iluminuras, 1988.

_____. Fragmentos. (Introdução e tradução por Mário Cesarini). Lisboa, Assírio e Alvin, 1976.

CASSIRER, Ernst. O mito do Estado. Rio de Janeiro, Zahar, 1976.

A respeito desta tradução dos Hinos para a Noite

n

Para a tradução utilizei o texto inglês, vitoriano, de George MacDonald, bem "livre" por sinal, o que compromete ainda mais a minha fidelidade a um original. Nada de acadêmico. Seria necessário dizer que não sou um especialista da área de traduções e que não sigo nenhuma regra, além das que recomendam o fluxo das línguas e o desapego?

Ademais, o texto não passou por uma revisão rigorosa. Não me desculpo pela tradução, mas peço perdão por eventuais lapsos no português - visto que a segunda pessoa não é meu forte.

Apesar disso, espero oferecer a oportunidade de contato com um texto notável. Textos originais de Novalis e de outros autores podem ser obtidos no Projeto Gutenberg.

Sinta-se à vontade para enviar comentários.

Todos os direitos desta tradução dos Hinos para a Noite reservados para Orlando M. F. Neto (1997)

Para utilização do texto peço apenas que entre em contato: orlandohumanas@hotmail.com

HOME